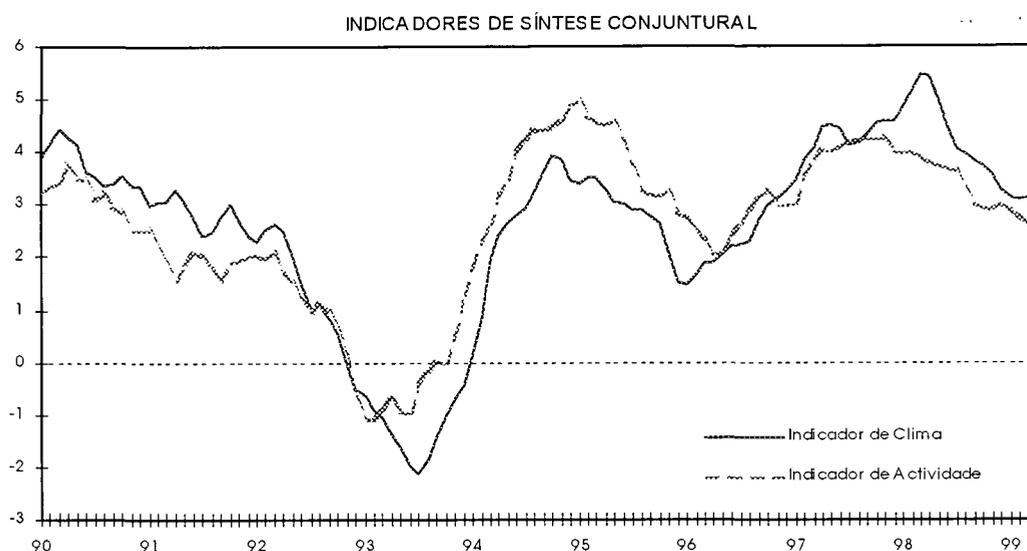




SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Abril de 1999



A taxa de desemprego voltou a baixar durante o primeiro trimestre de 1999, apesar do abrandamento registado no ritmo de crescimento económico. A conjuntura continua, assim, a ser caracterizada por uma relação muito positiva entre crescimento económico e criação de emprego. Esta característica resulta do facto dos sectores dos serviços e da construção de habitações estarem a ter uma evolução muito intensa e a fornecer uma contribuição decisiva para o crescimento económico global. De facto, o indicador da actividade económica registou uma subida homóloga ligeiramente inferior a 3 por cento durante o primeiro trimestre, mas o inquérito ao emprego revela que o emprego no sector dos serviços terá então crescido 4,5 por cento enquanto o emprego na construção aumentava 8,4 por cento. Inversamente, constata-se uma conjuntura muito desfavorável na indústria transformadora, traduzida em quebras na produção, nos negócios, nas exportações e no emprego.

O ritmo de crescimento económico tenderá a estabilizar durante os próximos meses, tendo em conta a evolução das expectativas dos empresários portugueses, sintetizadas pelo indicador de clima económico. Estas perspectivas surgem num momento em que a generalidade das economias asiáticas, excluindo o Japão, evidencia sinais de retoma e em que os inquéritos de opinião realizados junto dos empresários da UE parecem assinalar uma viragem na tendência descendente dos últimos meses. De facto, o crescimento económico da UE continuou a abrandar durante o primeiro trimestre de 1999 e a actividade da sua indústria transformadora terá estagnado neste período. O crescimento da UE deverá ser no conjunto do corrente ano ligeiramente inferior a 2 por cento, segundo as previsões mais recentes do FMI e da OCDE. O Reino Unido, a Itália e a Alemanha contam-se entre os países onde a desaceleração do crescimento tem sido mais significativa. Inversamente, os Estados Unidos mantiveram um forte crescimento durante o primeiro trimestre de 1999, graças ao dinamismo da sua procura interna, quer no investimento empresarial quer na despesa das famílias. Devido à forte queda da taxa de poupança das famílias e à subida da inflação em Abril, é provável que, a curto prazo, o ritmo de crescimento dos EUA venha a abrandar. É neste sentido que apontam as perspectivas do FMI e da OCDE.

A procura interna portuguesa manteve-se bastante dinâmica até ao final de Abril, sobretudo no que refere às despesas das famílias, uma vez que o ritmo de crescimento do investimento das empresas e do Estado se apresentou bastante fraco desde o início do ano. A despesa em bens duradouros e a compra de habitações continuam a evoluir muito intensamente, confirmando o nível positivo da confiança dos consumidores. Por sua vez, as exportações evoluíram negativamente durante os primeiros meses do ano, sobretudo nos mercados extra-comunitários, mas os industriais mostram-se um pouco mais confiantes em relação ao comportamento das exportações durante o segundo trimestre.

O dinamismo da procura interna não tem gerado tensões inflacionistas significativas, constatando-se uma estabilidade na evolução do indicador da inflação subjacente. A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor baixou para 2,8 por cento em Abril, contra cerca de 1,3 por cento na UE, sendo uma parcela significativa deste diferencial explicada por subidas anómalas dos preços de alguns produtos alimentares.

Catálogo recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,
1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000 LISBOA
Telefone: (01) 847 00 50
Fax: (01) 847 85 78

Composição

INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão

INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legal n.º 117748/97

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos - Área Económica

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

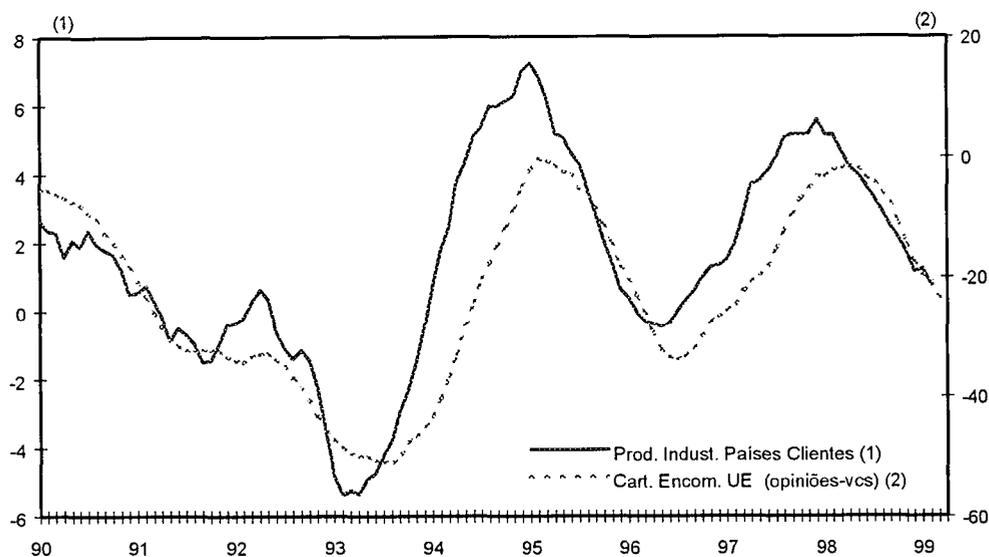
O INE na Internet
<http://www.ine.pt>

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

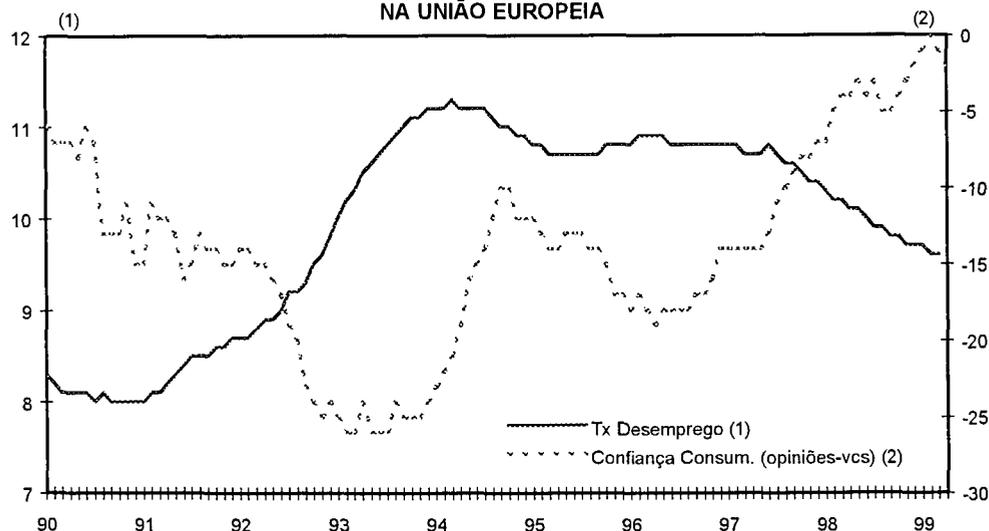
ABRIL DE 1999

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	3.4	2.8	2.8	2.3	-	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	4.6	3.7	2.5	1.1	-	0.8	-	-
Cart. Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-2	-3	-8	-18	-23	-23	-26	-23
Indic. Confiança dos Consumid. na UE (opiniões-vcs)	-5	-4	-4	-3	-1	0	-1	-2
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.2	10.1	9.9	9.7	9.6	9.6	9.6	-
Preços no Consum. na UE (índ. mensal harmonizado)	1.3	1.6	1.3	1.0	1.0	1.0	1.2	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	0.7	0.1	-0.7	-1.6	-1.9	-1.9	-1.9	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-11.0	-21.6	-21.1	-18.3	-16.9	-17.1	-16.9	-17.1

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

A economia dos Estados Unidos cresceu fortemente durante o primeiro trimestre enquanto a economia da UE abrandava. A subida da inflação e a queda da taxa de poupança das famílias fazem prever uma desaceleração da economia norte-americana, numa altura em que a indústria dos países asiáticos dá sinais de recuperação.

De acordo com as projecções do FMI referentes a Abril de 1999, o crescimento económico da economia mundial deverá desacelerar ao longo do corrente ano, baixando para 2,3 por cento, contra 3,8 por cento no ano passado. Estes números representam uma revisão em baixa face às anteriores projecções. O FMI prevê que a economia norte-americana registará ainda uma subida de 3,3 por cento em 1999 mas que o PIB crescerá apenas 1,8 por cento na UE e cairá 1,4 por cento no Japão.

A evolução da conjuntura até ao final de Abril é coerente com este cenário. De facto, o PIB dos EUA registou uma subida homóloga de 4 por cento durante o primeiro trimestre enquanto a economia da UE continuava a abrandar. Com base na informação disponível, é provável que o crescimento homólogo do PIB da UE não tenha ultrapassado 2 por cento durante o primeiro trimestre. A evolução terá sido bastante fraca no Reino Unido, na Itália e na Alemanha.

Por sua vez, a economia japonesa manteve-se em recessão, ao mesmo tempo que se detectam sinais de recuperação na generalidade das restantes economias asiáticas.

A diferença entre os dois lados do Atlântico é essencialmente explicada pelo comportamento da procura interna, uma vez que a procura externa evoluiu negativamente tanto na UE como nos EUA. O investimento em formação bruta de capital fixo dos EUA cresceu 9,1 por cento, enquanto o consumo privado aumentava 5,5 por cento, o que é revelador do dinamismo da procura interna deste país.

A diferença do ritmo produtivo é menos significativa na indústria mas mesmo assim a produção da indústria norte-americana registou uma subida homóloga de 2 por cento durante o trimestre terminado em Abril, enquanto a da UE estagnava durante o primeiro

trimestre. No que diz respeito à indústria transformadora, a sua taxa de utilização desceu, face ao período homólogo, 1,9 pontos percentuais na UE e 2,3 pontos percentuais nos EUA. No entanto, é de ter em conta que a capacidade instalada tem crescido muito mais fortemente nos EUA do que na UE.

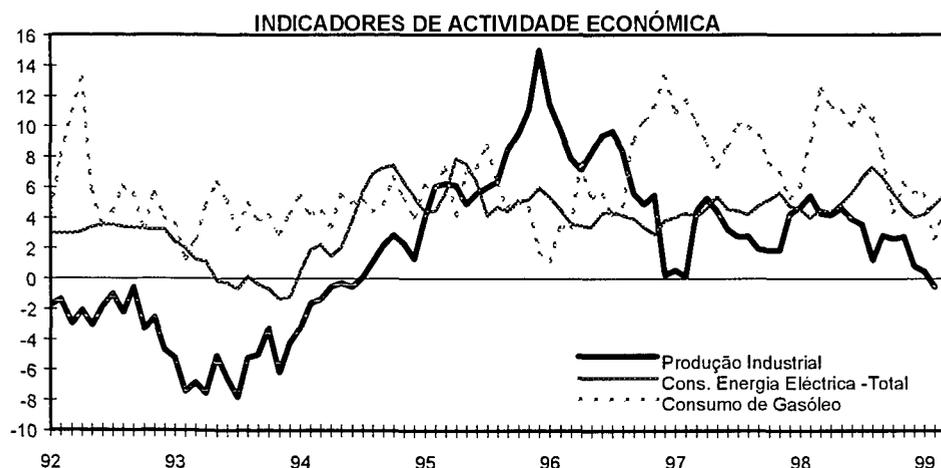
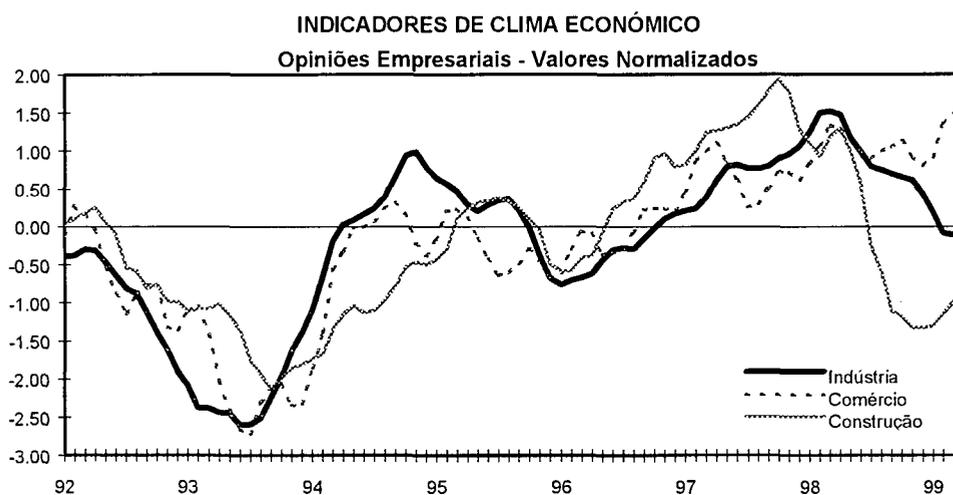
As exportações apresentaram durante os primeiros meses de 1999 uma evolução negativa nos EUA e na UE, contribuindo para a relativa sintonia da produção industrial. Os industriais da UE assinalaram um nível bastante fraco da sua carteira de encomendas externa até ao final de Abril mas as suas expectativas apontam para uma ligeira reanimação do volume de exportações durante o segundo trimestre.

O dinamismo da despesa das famílias dos EUA reflecte um elevado nível de confiança e coexiste com uma taxa de desemprego muito baixa, de 4,3 por cento em Abril. Por sua vez, a taxa de desemprego da UE estabilizou em 9,6 por cento entre Fevereiro e Março, enquanto o indicador de confiança dos consumidores da UE recuava ligeiramente entre Fevereiro e Abril. Apesar deste recuo, o nível da confiança dos consumidores da UE é ainda bastante positivo e o consumo mantém um comportamento favorável.

A inflação na UE permanece a um nível muito baixo. A variação homóloga do índice de preços no consumidor, harmonizado, não deverá ter ultrapassado 1,3 por cento em Abril, depois de ter subido ligeiramente para 1,2 por cento em Março. O mesmo não se verifica nos EUA, onde a variação homóloga do índice de preços no consumidor subiu para 2,3 por cento em Abril.

Esta tendência da inflação nos EUA fez aumentar os receios de uma subida nas taxas de juro e de um conseqüente abrandamento do crescimento produtivo.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	5.4	4.5	3.8	3.3	3.1	3.1	3.1	3.2
Indicador da Actividade Económica	3.9	3.7	3.0	3.0	2.6	2.8	2.6	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	4.2	3.7	3.1	0.8	-	-0.6	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	11.6	6.8	4.9	1.1	-	-2.7	-	-
Proc. Interna Bens Intermediários (opiniões-ve-mm3m)	-1	-6	-11	-15	-18	-16	-18	-15
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	11.1	12.8	9.1	11.2	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.52	0.99	0.70	0.43	-0.11	-0.09	-0.11	0.08
Indicador de Clima na Construção (opiniões-v.norm.)	1.18	0.56	-1.11	-1.33	-0.98	-1.13	-0.98	-1.08
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	1.34	1.01	1.05	0.80	1.48	1.35	1.48	1.12
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	58.1	59.9	61.3	55.3	58.4	56.8	58.4	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	4.5	5.6	6.7	4.0	5.5	4.8	5.5	5.4
Consumo de Gasóleo	12.5	10.1	8.1	5.7	4.7	2.6	4.7	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	7.6	1.6	3.8	-3.8	-5.3	-3.4	-5.3	-



ACTIVIDADE ECONÓMICA

O ritmo de crescimento económico abrandou durante o primeiro trimestre, apesar de alguns sectores terem mantido um andamento produtivo muito vivo. Tendo em conta as expectativas empresariais, prevê-se uma relativa estabilização do crescimento económico durante o segundo trimestre de 1999.

O indicador de actividade económica registou um crescimento homólogo de 2,6 por cento durante o primeiro trimestre do corrente ano. Este indicador tinha subido 3 por cento durante o trimestre anterior. Por sua vez, o indicador de clima económico cresceu 3,2 por cento durante o trimestre terminado em Abril, mantendo um andamento muito próximo do verificado no primeiro trimestre de 1999 e no último trimestre do ano passado. Este comportamento das expectativas empresariais sugere que o ritmo de crescimento da economia tenderá a estabilizar durante os próximos meses.

O comportamento produtivo continua a ser sectorialmente muito diferenciado, verificando-se uma evolução muito intensa nos sectores que não dependem dos mercados externos. Assim, tanto os inquéritos de opinião como o inquérito ao emprego realizado junto das famílias como diferentes indicadores quantitativos revelam um crescimento muito forte dos negócios e da actividade no sector dos serviços, tendo o inquérito ao emprego fornecido uma subida homóloga de 4,5 por cento para o emprego neste sector ao longo do primeiro trimestre. Também o sector da construção terá apresentado uma evolução muito forte, embora exista alguma contradição entre os resultados obtidos através dos inquéritos de opinião realizados junto dos empresários e as indicações do inquérito ao emprego e da actividade de construção de novas habitações. De facto, o pessimismo dos empresários na construção não encontra correspondência nem na evolução do emprego sectorial, que cresceu em termos homólogos 8,4 por cento no primeiro trimestre, nem no número de licenças para a construção de novos fogos, que apresentou uma subida homóloga de 16 por cento durante os dois primeiros meses do ano.

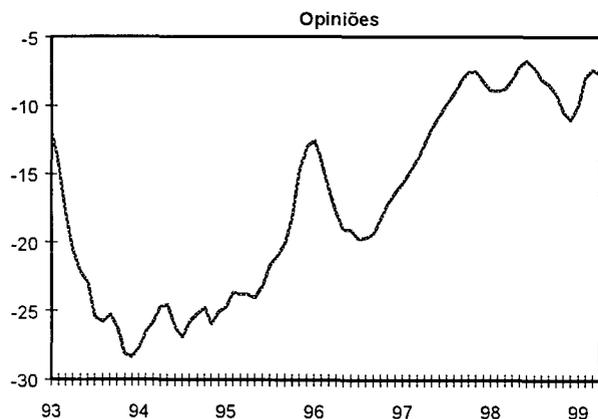
Mais coerente continua a ser o conjunto da informação relacionada com a actividade na indústria

transformadora e no sector primário da economia que converge na identificação de uma conjuntura desfavorável nestes sectores. Assim, a produção industrial registou uma diminuição homóloga de 0,6 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, período em que o volume de negócios caiu 2,7 por cento e em que o valor das exportações desceu 1,9 por cento. O inquérito ao emprego revela que o emprego neste sector teve uma queda homóloga de 0,6 por cento durante o primeiro trimestre, depois de já ter evoluído negativamente no segundo semestre do ano passado. O indicador de confiança da indústria transformadora retrocedeu também até ao final de Março, melhorando apenas muito ligeiramente em Abril. Por sua vez, a forte queda do emprego no sector primário veio confirmar a persistência de uma evolução muito negativa da actividade na agricultura e nas pescas.

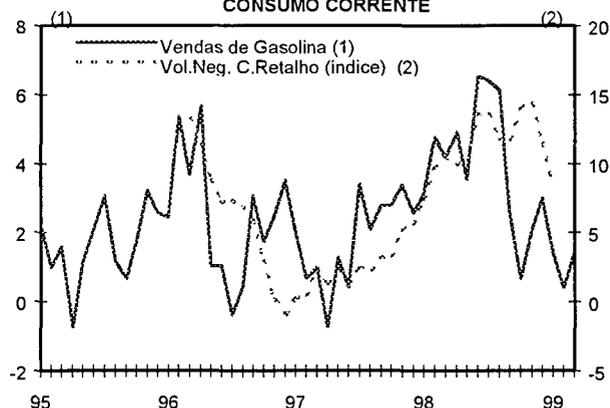
Dignas de destaque são ainda as fortes subidas dos consumos de energia eléctrica e de gasóleo ao longo dos primeiros meses de 1999, confirmando o dinamismo da procura interna. É também de salientar a recuperação verificada nas taxas de ocupação hoteleira durante o primeiro trimestre. Embora esta recuperação tenha beneficiado de efeitos de calendário, dado que a Páscoa foi este ano em Março, ela ocorre após um ano excepcionalmente bom para este sector. Tendo em conta o prolongamento da crise nos Balcãs, é provável que a procura turística dirigida a Portugal venha a apresentar uma evolução positiva ao longo do corrente ano.

	Trimestres					Meses		
	1.98	II.98	III.98	IV.98	1.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
CONSUMO PÚBLICO	8.1	7.9	5.7	9.2	9.3	6.0	9.3	-
Despesas com Pessoal	8.9	8.3	7.3	9.7	9.5	7.2	9.5	-
Despesas com Bens e Serviços	-3.6	3.8	-6.5	7.1	7.4	-0.3	7.4	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-8	-6	-5	-6	-4	-4	-4	-5
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-9	-7	-8	-11	-7	-8	-7	-8
Crédito ao Consumo (tvh-valor)	29.0	26.9	29.0	28.6	-	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	18.9	22.6	21.7	22.1	19.6	20.1	19.6	-
Proc. Interna B. Consumo Indust. (opiniões-ve-mm3m)	-11	-9	-9	-9	-10	-10	-10	-13
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com. Retalho B. Cons. Corr. (opiniões)	0	2	6	6	12	14	12	3
Vol. Negócios no C. Retalho B. Cons. Corr. (índice)	10.6	13.6	11.7	11.5	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	8.4	13.3	9.8	7.8	8.5	7.8	8.5	-
Vendas de Gasolina	4.2	6.5	2.6	3.0	1.4	0.4	1.4	-
Dormidas na Hotelaria	3.3	9.5	8.9	5.9	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com. Retalho B. Durad. (opiniões)	-8	4	-16	-20	17	3	17	33
Vol. Negócios no C. Retalho B. Dur. (índice s/Autom.)	13.0	14.3	7.2	9.2	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	5.3	21.3	23.3	22.5	35.1	29.9	35.1	29.3
Matrículas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	6.3	11.0	11.7	24.5	23.3	22.0	23.3	30.1
Vol. de Negócios da Indústria Mobiliário (índice)	10.5	8.7	1.9	-8.2	-	-0.7	-	-

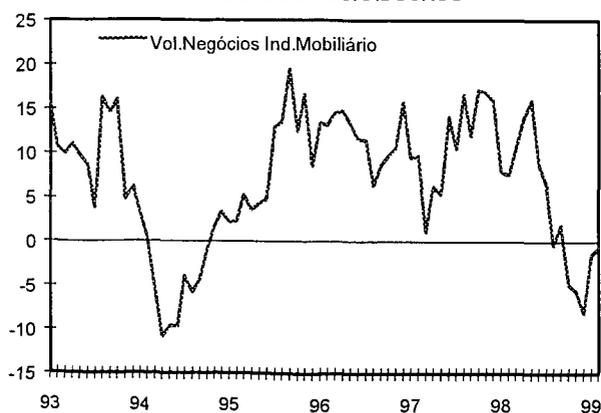
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



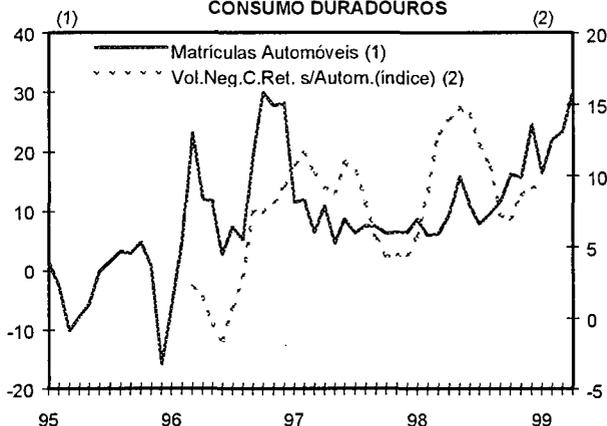
PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO CORRENTE



PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores manteve um nível relativamente forte e estável até ao final de Abril. Este optimismo dos consumidores continua a ser acompanhado por uma evolução muito intensa da procura interna de bens de consumo duradouros e em especial das vendas de automóveis.

O indicador de confiança dos consumidores apresentou um nível bastante favorável até ao final de Abril. Os consumidores mantiveram uma avaliação relativamente estável acerca da sua situação financeira, ao mesmo tempo que se revelavam mais optimistas na apreciação do comportamento do desemprego. Este sentimento está em sintonia com o andamento do mercado de emprego e com os resultados do inquérito ao emprego que assinalam uma queda do desemprego desde o início do ano.

O optimismo dos consumidores continua a ser acompanhado por uma evolução intensa do consumo, particularmente da componente de bens duradouros.

A procura de bens de consumo corrente mantém igualmente um andamento positivo, embora menos intenso do que a componente de bens duradouros. Assim, o valor das vendas dos supermercados e hipermercados teve uma subida homóloga de 8,5 por cento durante o primeiro trimestre de 1999, após um aumento de 7,8 por cento no trimestre anterior. É provável que o crescimento do índice de volume de negócios do comércio a retalho de bens de consumo corrente tenha registado um comportamento semelhante durante o primeiro trimestre de 1999, depois de ter aumentado 8,6 por cento durante o trimestre terminado em Janeiro. Esta indicação é fornecida pelo saldo das apreciações dos empresários deste sector, que manteve um nível médio bastante favorável entre Janeiro e Abril, apesar de ter retrocedido um pouco entre Março e Abril.

Alguns indicadores do consumo corrente conheceram um crescimento menos acentuado durante os primeiros meses de 1999, com destaque para as vendas de gasolina que cresceram apenas 1,4 por cento durante o primeiro trimestre. Por sua vez, as dormidas na hotelaria aumentaram 6,3 por cento

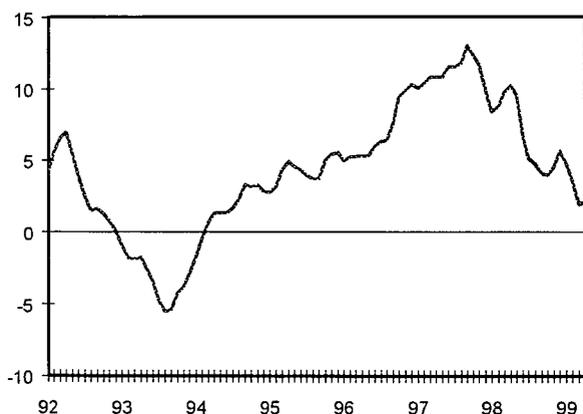
durante o trimestre terminado em Janeiro e deverão ter mantido uma evolução positiva durante o conjunto do primeiro trimestre, tendo em conta a subida registada neste período pelas taxas de ocupação hoteleira.

O saldo das apreciações dos empresários do comércio a retalho de bens de consumo duradouros domésticos apresentou um nível médio muito positivo durante os primeiros quatro meses do corrente ano, sugerindo um comportamento muito dinâmico por parte da procura interna destes bens. O respectivo índice de volume de negócios já tinha apresentado um crescimento homólogo de 9,1 por cento durante trimestre o terminado em Janeiro.

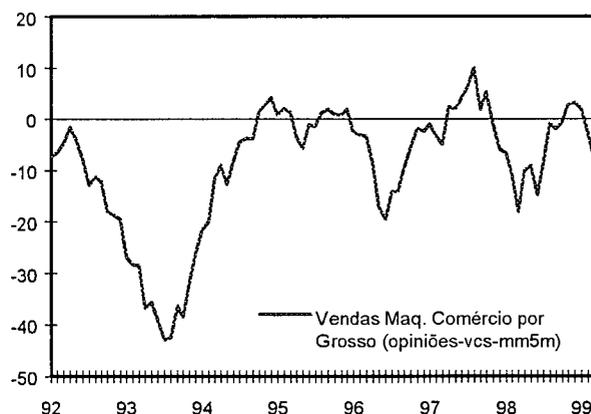
Mais forte tem continuado a ser a procura interna de automóveis. De facto, o número de veículos automóveis e de todo-o-terreno novos vendidos apresentou uma variação homóloga de 29,3 por cento ao longo do trimestre terminado em Abril, enquanto o número de livretes emitidos para este tipo de veículos, novos e usados, registava um acréscimo de 30,1 por cento durante o mesmo período.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	9.8	6.6	4.1	5.6	1.9	3.6	1.9	2.2
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh)	23.3	25.3	11.1	21.6	-	X	X	X
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	10.0	-0.2	0.2	9.9	-0.6	2.1	-0.6	2.6
Vendas de Varão para Betão	3.7	-14.6	-5.3	18.5	16.1	29.3	16.1	7.5
Prod. Indust. de Barro p/ Construção (índice-tvh)	2.1	-2.8	-1.5	15.2	-	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-17	-16	-28	-35	-34	-35	-33	-35
Adjudic. Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	31.9	-0.1	-6.1	-49.7	-42.6	-49.6	-42.6	-40.1
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	51.7	53.7	59.3	40.0	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	17.9	8.5	9.8	16.2	13.4	14.5	13.4	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-13	-10	10	-1	-14	1	-14	-24
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	14.7	2.4	6.9	21.3	-0.7	9.2	-0.7	0.6
Matrículas de Veíc. Comerciais Pesados Novos	40.2	10.7	-6.8	19.3	7.8	19.2	7.8	17.4

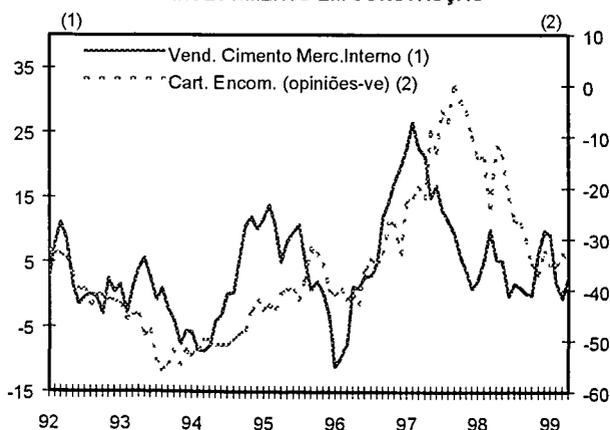
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



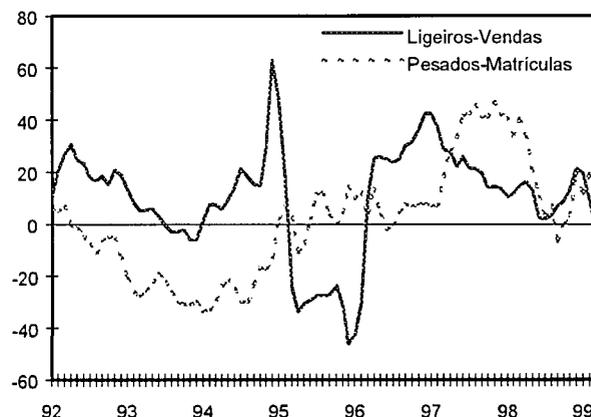
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O ritmo de crescimento do investimento manteve-se fraco até ao final de Abril. O investimento das famílias em habitação e o das empresas em veículos comerciais continuou forte mas as componentes de investimento em máquinas, equipamentos e em veículos comerciais ligeiros registaram uma desaceleração significativa desde o início do ano.

O indicador coincidente do investimento conheceu um crescimento homólogo de apenas 2,2 por cento ao longo do trimestre terminado em Abril. O crescimento do investimento abrandou significativamente desde o início do ano, sobretudo nas componentes da procura interna de máquinas e de veículos comerciais ligeiros.

O saldo das apreciações dos empresários do comércio por grosso relativamente às vendas de máquinas e de equipamentos para as empresas recuou acentuadamente entre Dezembro e Abril, depois de já ter enfraquecido durante o último trimestre de 1998. Tendo em conta que as importações de máquinas e equipamentos subiram fortemente ao longo do ano passado, o retrocesso das apreciações empresariais deverá ser interpretado como uma desaceleração do ritmo de crescimento das suas vendas e não como uma quebra das mesmas. É de ter em conta que, apesar do perfil descendente desse saldo, o seu nível no final de Abril ainda se situava um pouco acima da média dos últimos oito anos.

Por sua vez, as vendas de veículos comerciais ligeiros registaram um crescimento homólogo de apenas 0,6 por cento durante o trimestre terminado em Abril. Inversamente, as matrículas de veículos comerciais pesados novos mantiveram uma evolução muito positiva, atingindo uma variação homóloga de 17,4 por cento durante o mesmo período.

O investimento global em construção evoluiu de forma moderada até ao final de Abril, pelo que decorre das vendas de materiais e dos resultados dos inquéritos de opinião realizados junto dos empresários. Assim, as vendas de cimento cresceram 2,6 por cento durante o trimestre terminado em Abril, enquanto as de varão para betão aumentavam 7,5 por cento. Por sua vez, os empresários da construção revelaram-se muito mais

pessimistas do que em períodos anteriores na avaliação do nível da sua carteira de encomendas.

Este pessimismo empresarial encontra-se em sintonia com o comportamento do mercado das obras públicas mas não com a evolução do mercado de habitação que continua marcado por um assinalável dinamismo.

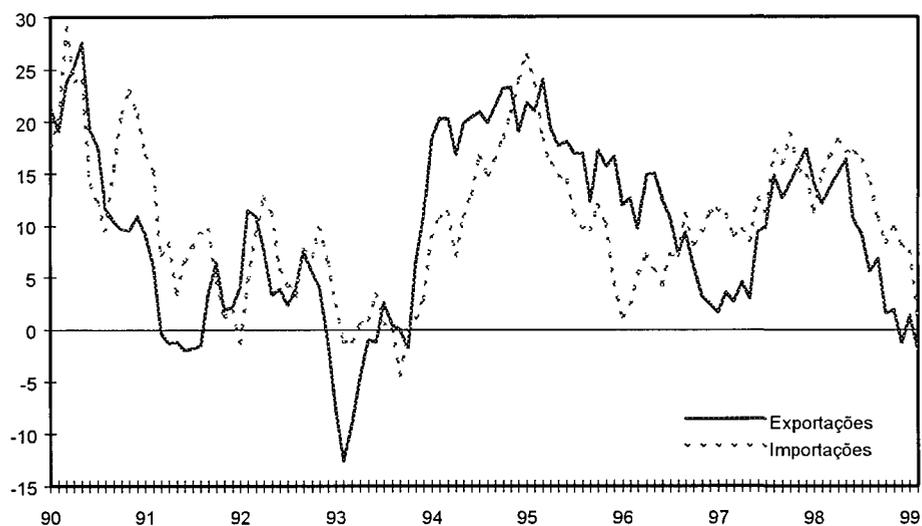
De facto, o valor das adjudicações de obras públicas conheceu uma evolução média muito negativa ao longo do ano terminado em Abril, tendo registado uma quebra de 40 por cento. No entanto, o valor dos novos concursos abertos melhorou significativamente desde o início do ano, o que poderá vir a inverter a conjuntura nas obras públicas ao longo dos próximos meses.

Muito mais favorável permanece a conjuntura no mercado de habitação. Com base nas apreciações dos empresários inquiridos pela AECOPS acerca das suas vendas de fogos, é possível concluir que as vendas de habitações continuaram a crescer intensamente até ao final de Abril. Este comportamento do mercado está também implícito na evolução das novas licenças concedidas para a construção de novos fogos, cujo número apresentou uma subida homóloga de 16,7 por cento durante o primeiro trimestre de 1999. É de ter em conta que tanto o número de fogos construídos como o número de licenças concedidas para a sua construção já tinham aumentado muito fortemente ao longo do ano passado.

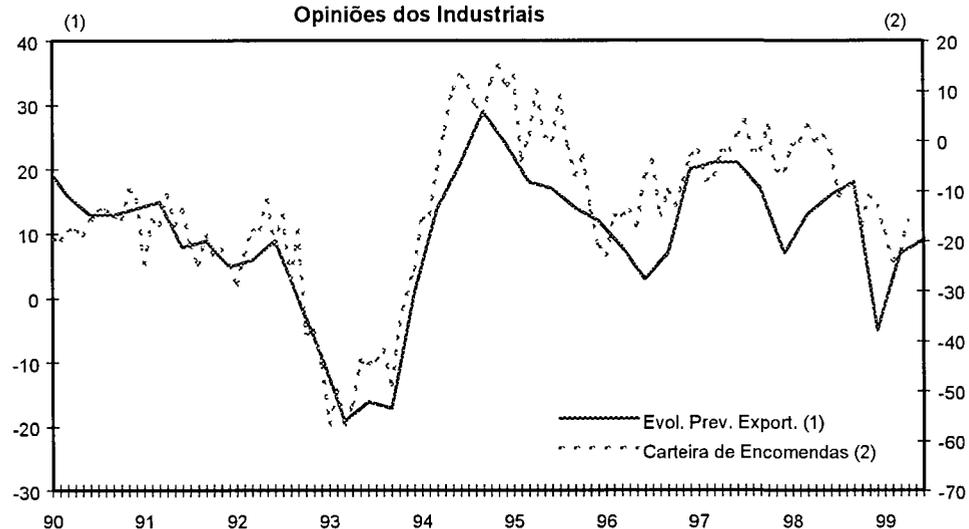
O comportamento do mercado de habitação deverá explicar igualmente a forte subida homóloga, de 8,4 por cento, do emprego no sector da construção durante o primeiro trimestre do corrente ano.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (ECU)	7.9	4.5	0.3	-	-	-0.6	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	10.7	6.8	-1.3	-	-	-1.9	-	-
Intra-União Europeia	13.0	9.1	1.7	-	-	1.4	-	-
Extra-União Europeia	0.7	-2.2	-13.7	-18.1	-	-15.9	-18.1	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	8.8	9.5	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	0	-10	-14	-21	-	-24	-22	-16
Evol.Prevista das Export.(opiniões-vcs-valor trim.)	16	18	-5	7	9	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	17.0	10.8	8.2	-	-	1.2	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	17.2	15.7	-	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	65.7	63.7	63.3	-	-	64.6	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

As exportações de mercadorias continuaram em queda até ao final de Fevereiro, ao mesmo tempo que se registava uma significativa desaceleração das importações. Os industriais portugueses avaliaram negativamente a evolução da sua carteira de encomendas externa até ao final de Abril, mas prevêem uma melhoria das exportações durante o segundo trimestre.

O valor das exportações de mercadorias portuguesas conheceu uma queda homóloga de 1,9 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, após ter descido 1,3 por cento ao longo do último trimestre do ano passado. A mesma tendência descendente foi observada no valor das importações dos principais parceiros económicos de Portugal, que registou uma diminuição homóloga de 0,6 por cento no decorrer do trimestre terminado em Fevereiro.

Os industriais portugueses revelaram-se até ao final de Abril muito pessimistas na avaliação do nível da sua carteira de encomendas externa, em sintonia com as apreciações dos industriais europeus sobre o comportamento da carteira de encomendas global. Este conjunto de apreciações faz supor que as exportações terão mantido uma evolução muito fraca entre Fevereiro e Abril. No entanto, esta situação poderá estar em vias de inversão, tendo em conta que as expectativas dos exportadores portugueses apontam para uma relativa melhoria do volume de exportações ao longo do segundo trimestre.

A evolução das exportações continua a ser mais negativa nos mercados extra-comunitários. Assim, o valor das exportações para estes mercados registou uma diminuição homóloga de 18,1 por cento durante o primeiro trimestre, após ter descido 13,7 por cento durante o quarto trimestre de 1998. A evolução menos negativa foi apurada nas exportações para os EUA, uma diminuição homóloga de 4 por cento, registando-se uma queda de 40 por cento nas vendas para o Japão e de 13,2 por cento nas vendas para os restantes países asiáticos.

O crescimento homólogo das exportações para a UE manteve-se positivo mas situou-se em apenas 1,4 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro.

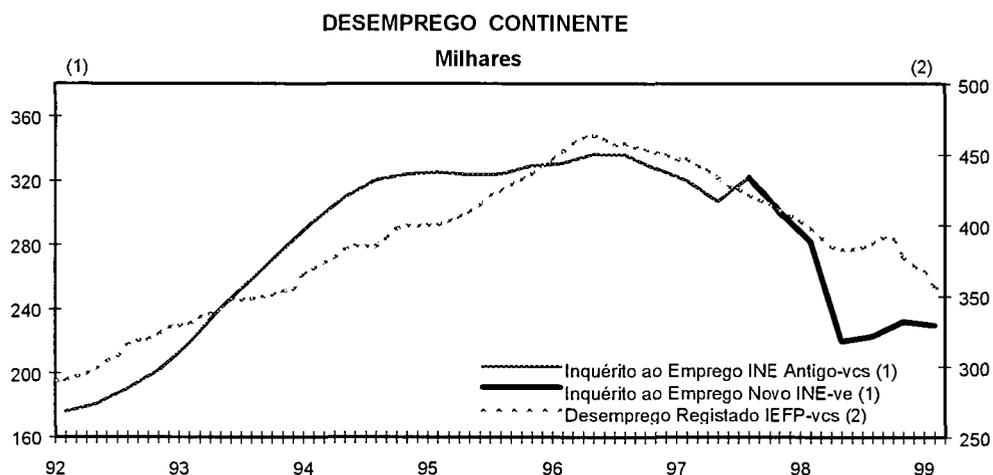
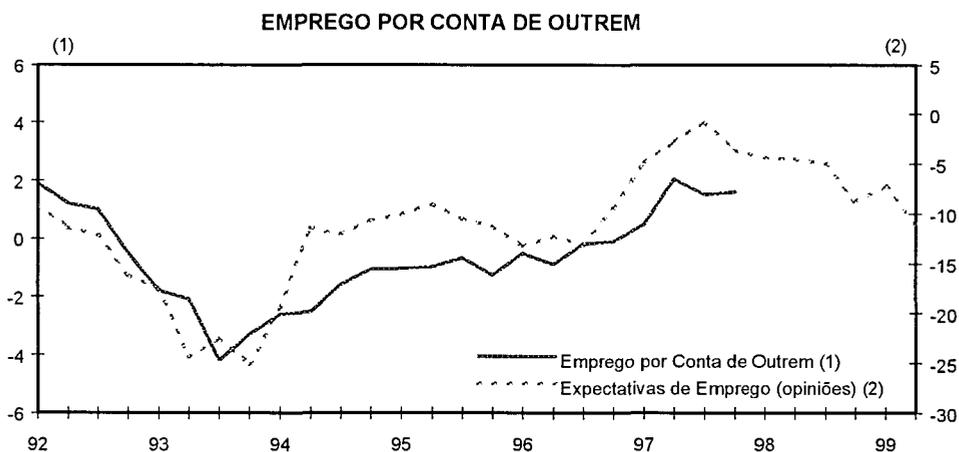
Foram as exportações de plásticos, metais, máquinas e material de transporte que asseguraram a evolução positiva das exportações nos mercados comunitários, registando-se fortes descidas nas vendas da generalidade dos restantes produtos.

Também as importações sofreram uma importante desaceleração durante os dois primeiros meses do ano, devido essencialmente à quebra dos preços de importação do petróleo e à diminuição das quantidades importadas de bens intermédios.

Assim, o valor das importações de mercadorias registou um crescimento homólogo de apenas 1,2 por cento, contra 8,2 por cento durante o quarto trimestre de 1998. O valor das importações de combustíveis conheceu uma diminuição homóloga de 27,4 por cento durante os dois primeiros meses do ano, enquanto o valor das importações de bens intermédios descia 10,6 por cento. O valor das importações de combustíveis já tinha registado uma forte queda ao longo de 1998, enquanto o crescimento das importações de bens intermédios fora abrandando significativamente até estagnar durante o quarto trimestre. A evolução negativa das importações de bens intermédios durante os dois primeiros meses de 1999 está em sintonia com as quebras apuradas na actividade da indústria transformadora.

Por sua vez, o valor das importações de bens de consumo, excluindo automóveis, aumentou 3,8 por cento durante os dois primeiros meses, enquanto o de bens de equipamento, incluindo automóveis, aumentava 12,2 por cento. A evolução destas importações confirma o andamento positivo da procura interna ao longo deste período.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO - INE (Continente)								
Emprego Total (tvh)	-	2.8	2.2	2.5	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-	-0.6	-3.0	-0.4	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	-	6.6	9.7	7.9	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-	4.3	5.0	4.5	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-	3.7	4.0	4.1	-	X	X	X
Indicador de Expectat.de Emprego (opiniões-ve)	-5	-5	-9	-7	-11	X	X	X
DESEMPREGO - INE (Continente - ve)								
Total (milhares)	219.8	223.1	232.1	230.0	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	4.6	4.7	4.9	4.8	-	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	395.3	405.9	385.8	364.4	-	369.1	364.4	-
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	33.7	34.0	34.5	34.5	-	34.5	34.5	-
DESEMPREGO - EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	21	19	24	19	-	21	19	16
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.3	3.3	3.1	3.2	-	3.2	3.2	3.8



EMPREGO E SALÁRIOS

O emprego subiu intensamente durante o primeiro trimestre do corrente ano, mantendo-se uma relação muito positiva entre o crescimento produtivo e o crescimento do emprego. Como resultado, a taxa de desemprego voltou a baixar, confirmando as indicações fornecidas pela evolução do número de desempregados inscritos nos centros de emprego.

O emprego no conjunto do País apresentou uma subida homóloga de 2,5 por cento durante o primeiro trimestre de 1999. Assim, a conjuntura continua a ser caracterizada por uma relação superior à habitual entre crescimento do emprego e crescimento produtivo. É de ter em conta que este último abrandou durante o primeiro trimestre e que, em termos homólogos, não terá ultrapassado os 3 por cento. A estrutura sectorial do crescimento do emprego fornece a explicação para esta característica que a conjuntura económica evidencia desde o início de 1998.

Assim, verifica-se que o crescimento do emprego global resulta de evoluções muito intensas nos sectores dos serviços e da construção, onde existe uma dependência muito forte entre crescimento produtivo e crescimento do emprego. De facto, o emprego no sector dos serviços teve uma subida homóloga de 4,4 por cento durante o primeiro trimestre de 1999, enquanto o da construção atingia 8,4 por cento.

Inversamente, registou-se uma descida homóloga de 4,3 por cento do emprego no sector primário e de 0,6 por cento na indústria transformadora.

As empresas foram as principais responsáveis pela criação de empregos, tendo o emprego por conta de outrem subido, em termos homólogos, 4,1 por cento durante este período.

O ritmo de crescimento do emprego por conta de outrem deverá abrandar durante o segundo trimestre, tendo em conta as expectativas dos empresários da indústria, da construção e do comércio.

Embora todo o tipo de emprego por conta de outrem tenha subido durante o primeiro trimestre de 1999, foram os contratos a prazo, com uma subida homóloga de 12,8 por cento, que continuaram a aumentar mais significativamente. A análise da estrutura do emprego por duração da semana de trabalho revela ter-se

verificado uma subida de 8,5 por cento do número de pessoas a trabalhar entre 16 e 25 horas semanais e de 4,5 por cento das que trabalham entre 26 e 35 horas. Mas foi entre as pessoas que laboram entre 36 e 40 horas que se apurou uma subida mais forte, de 17,6 por cento. Em contrapartida, houve descidas significativas no número de pessoas a trabalhar semanalmente menos de 15 horas e mais de 40 horas. As oscilações muito intensas, e em sentido oposto, ao longo do último ano no número de pessoas a laborar entre 36 e 40 horas e mais de 40 horas deverão estar relacionadas com as mudanças introduzidas no horário legal.

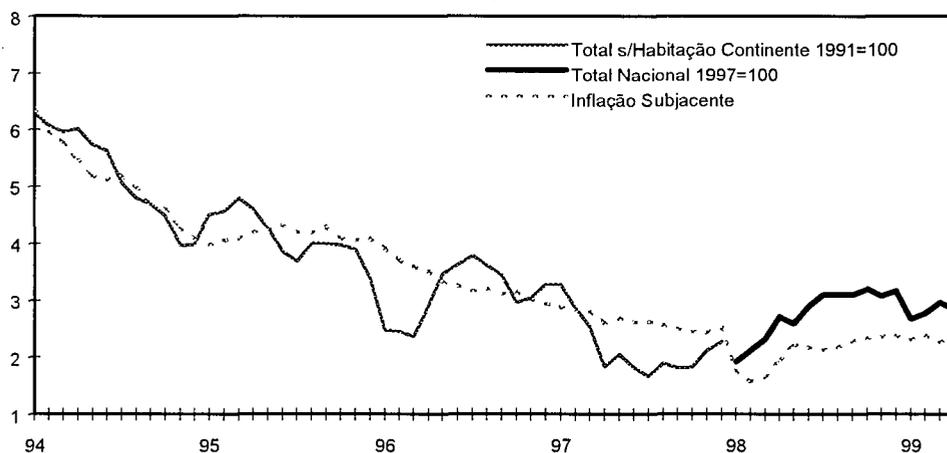
Devido ao dinamismo do mercado de emprego, a taxa de desemprego desceu no primeiro trimestre de 1999 para 4,8 por cento, que compara com 4,9 por cento no trimestre anterior e com 5,9 por cento no trimestre homólogo.

Estes resultados obtidos pelo inquérito realizado pelo INE junto das famílias vieram confirmar as indicações fornecidas pelo número de desempregados inscritos nos centros de emprego que no final de Março apresentou um nível significativamente mais baixo que o do período homólogo de 1998.

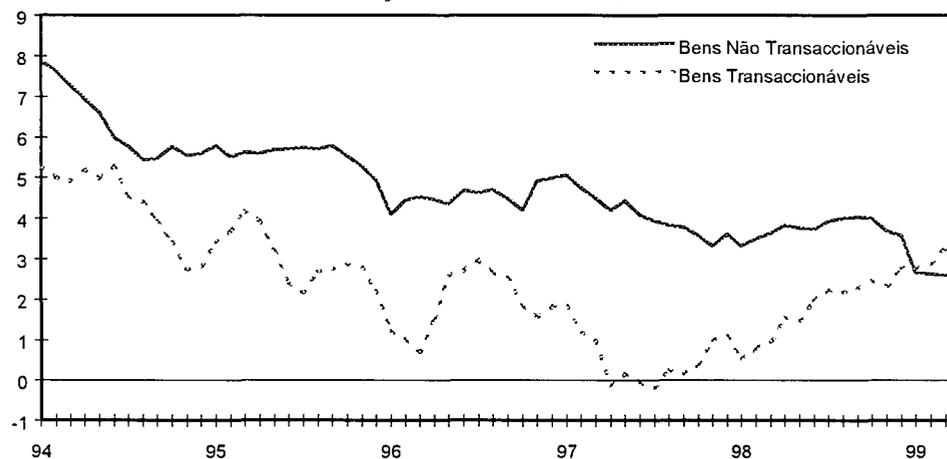
Em termos de estrutura do desemprego, verificam-se descidas homólogas quer no número de desempregados à procura de primeiro emprego quer no de desempregados à procura de novo emprego. Foi na classe etária dos 25 aos 34 anos que o número de desempregados à procura de novo emprego mais caiu ao longo do último ano.

	Trimestres					Meses		
	I.98	II.98	III.98	IV.98	I.99	Fev.99	Mar.99	Abr.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	2.1	2.7	3.1	3.1	2.8	2.8	3.0	2.8
Índice Harmonizado	1.4	2.3	2.4	2.7	2.7	2.7	2.8	2.7
Indicador de Inflação Subjacente	1.7	2.1	2.2	2.4	2.3	2.4	2.3	2.3
Índice Transaccionáveis	0.8	1.7	2.2	2.5	3.0	2.9	3.3	3.1
Não Alimentares	0.2	1.1	1.5	1.9	2.5	2.5	2.5	2.3
Índice Não Transaccionáveis	3.5	3.8	4.0	3.8	2.6	2.6	2.6	2.6
Índice Bens	0.9	1.8	2.3	2.4	2.3	2.2	2.5	2.4
Índice Serviços	4.6	4.8	4.9	4.7	3.9	3.9	3.9	3.8
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	-2.7	-2.7	-5.6	-7.8	-	-7.4	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.5	2.0	1.1	0.2	-	-0.2	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	7	5	4	-1	-1	-2	-1	2
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-3.8	-2.2	0.3	0.9	-	-	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-3.8	-2.9	-1.3	-0.1	0.9	0.8	1.2	1.3
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-10.6	-6.1	1.4	5.1	4.2	3.9	1.5	-0.7

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação desceu ligeiramente em Abril mas a sua tendência de fundo manteve-se relativamente estável. Apesar da descida verificada, a inflação portuguesa mantém-se distanciada da média da UE. Para esta divergência têm contribuído as evoluções muito intensas dos preços de alguns bens alimentares.

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor nacional desceu, de 3 por cento para 2,8 por cento, de Março para Abril. O índice harmonizado revelou um comportamento semelhante, tendo a sua variação homóloga baixado de 2,8 por cento para 2,7 por cento durante o mesmo período.

Assim, a inflação portuguesa permaneceu num patamar superior ao da média da UE. A informação disponível sugere para Abril uma variação homóloga mensal de 1,3 por cento no conjunto dos índices de preços nacionais na UE, contra 1,2 por cento em Março.

A tendência de fundo da inflação tem evidenciado um andamento estável ao longo dos últimos meses, em torno de um nível mais baixo do que o do conjunto da inflação. Assim, a variação homóloga do indicador da inflação subjacente manteve-se em 2,3 por cento em Abril, ou seja, num nível semelhante ao do conjunto do primeiro trimestre.

Os bens alimentares continuam a ser os principais responsáveis pela divergência entre a inflação em Portugal e na UE, tendo alguns bens alimentares voltado a registar subidas muito significativas em Abril.

A inflação desceu nos bens transaccionáveis, tendo permanecido estável nos não transaccionáveis.

De facto, a percentagem de variação homóloga do índice de preços dos bens transaccionáveis inverteu em Abril a tendência de subida que se verificava desde o início de 1998, baixando para 3,1 por cento, contra 3,3 por cento em Março. A componente não alimentar deu a principal contribuição para esta inversão, descendo a sua variação homóloga de 2,5 por cento para 2,3 por cento, enquanto a mesma medida da componente alimentar baixava de 4,6 por cento para 4,5 por cento.

Por sua vez, a percentagem de variação homóloga dos preços dos bens não transaccionáveis estabilizou em 2,6 por cento, tendo esta medida da inflação subido

ligeiramente para 3,8 por cento na componente alimentar enquanto descia para 2,4 por cento na componente não alimentar.

Separando o conjunto dos bens do conjunto dos serviços, constata-se uma ligeira descida da inflação em ambos os agrupamentos, permanecendo a inflação dos serviços num nível muito mais elevado do que a do conjunto dos bens. Apesar da descida verificada desde o início do ano, a inflação dos serviços foi ainda de 3,8 por cento em Abril.

Entre os bens alimentares destacam-se as subidas homólogas dos preços do peixe fresco, do azeite, das frutas e das batatas, quer pelas suas intensidades quer pela sua persistência ao longo dos últimos meses. O mesmo se pode dizer do preço do vinho, cuja subida homóloga atingiu 21,4 por cento em Abril.

Os preços de venda à saída da fábrica registaram uma descida homóloga de 7,4 por cento durante o trimestre terminado em Fevereiro, devido a uma evolução homóloga muito negativa dos preços dos derivados de petróleo. Excluindo estes produtos e os bens alimentares, verifica-se que o índice dos restantes bens desceu 0,2 por cento no mesmo período. Tendo em conta a evolução das expectativas dos empresários da indústria, prevê-se que o andamento deste último índice venha a revelar uma ligeira aceleração durante os próximos meses. É também neste sentido que apontam as evoluções recentes dos preços em dólares do petróleo e o câmbio desta divisa. As suas subidas significativas desde o início do ano não deixarão de condicionar, a curto prazo, a evolução dos preços de venda à saída da fábrica no conjunto dos bens.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1990=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índices (1995=100) de Produção da Indústria Transformadora, de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrogal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação). Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e Índices), Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina. Fonte: Petrogal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE(importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1995=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,

Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso. Fonte: INE;

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em ECU) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de 1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério Para a Qualificação e o Emprego.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação(1996=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações Editadas pelo INE

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920\$00	160\$00	5.040\$00	420\$00	9.300\$00	775\$00
2	1.020\$00	85\$00	2.520\$00	210\$00	4.080\$00	340\$00
3	340\$00	85\$00	840\$00	210\$00	1.360\$50	340\$00
4	170\$00	85\$00	420\$00	210\$00	680\$00	340\$00
5	285\$00	285\$00	765\$00	765\$00	1.480\$00	1.480\$00
6	560\$00	560\$00	1.325\$00	1.325\$00	2.600\$00	2.600\$00
7	900\$00	300\$00	2.295\$00	765\$00	4.440\$00	1.480\$00

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Nomenclatura Combinada - Comércio Internacional 1999	7.700\$00		
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1998	3.600\$00		
Índices de Produção Industrial - Metodologia e Séries Retrospectivas (1995-1998)	1.680\$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS			
Anuário Estatístico de Portugal 1997	10.200\$00	8.160\$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1999 (x 12)	2.400\$00	23.000\$00	1
Portugal em Números 1997	Gratuito		
POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997	3.800\$00	3.000\$00	5
Série Estimativas Provisórias Nº 27	3.680\$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000\$00		
Estatísticas da Protecção Social 1997	2.160\$00	1.730\$00	5
Estatísticas da Saúde 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Estatísticas Demográficas 1997	6.730\$00	5.380\$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000\$00	2.400\$00	5
Estatísticas do Emprego 1999 (Trimestral)	1.300\$00	4.200\$00	3
Associações Culturais e Recreativas 1995	1.500\$00		
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA			
Estatísticas da Pesca 1997	3.040\$00	2.430\$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500\$00		
Estatísticas Agrícolas 1997	4.210\$00	3.370\$00	5
Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 1997	4.200\$00		
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300\$00		
Contas Económicas da Agricultura 1998	1.500\$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240\$00	2.300\$00	2
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120\$00	1.700\$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1996	3.600\$00	2.880\$00	6
Estatísticas das Empresas - Agricultura e Indústria 1996	2.700\$00	2.160\$00	5
Índices de Produção Industrial 1999	230\$00	2.200\$00	2
Estatísticas das Empresas - Construção 1996	1.180\$00	940\$00	5
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	660\$00	6.200\$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1999	430\$00	4.100\$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1999	380\$00	3.600\$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720\$00	6.900\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300\$00	2.900\$00	2
COMÉRCIO INTERNACIONAL			
Comércio Internacional 1999	880\$00	8.500\$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400\$00	6.720\$00	6
Comércio ExtraComunitário 1999	700\$00	6.700\$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS			
Estatísticas do Turismo 1997	4.440\$00	3.550\$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997	6.300\$00	5.040\$00	6
Estatísticas das Empresas - Comércio e Outros Serviços 1996	9.000\$00	7.200\$00	6
Estatísticas dos Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600\$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220\$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997	1.130\$00	900\$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1999	190\$00	1.800\$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300\$00	12.500\$00	2
ECONOMIA E FINANÇAS			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070\$00	2.460\$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00		
Estatísticas das Administrações Públicas 1997	2.300\$00	1.800\$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1997	5.500\$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995	3.750\$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400\$00	13.400\$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070\$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480\$00	4.600\$00	2
ESTATÍSTICAS REGIONAIS			
Contas Regionais 1990-1994	3.000\$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1997	5.820\$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)	600\$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600\$00	5.800\$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1997	3.940\$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.600\$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1997	4.650\$00		
Os Municípios do Algarve 1998	5.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1997	6.000\$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997	4.140\$00		
ESTUDOS			
Revista de Estatística 1999 (quadrimestral)	2.500\$00	6.000\$00	7

